

moa sipriano

SANGUE
SUOR
SEXO

m o a s i p r i a n o . c o m

SANGUE. SUOR. SEXO.

Moa Sipriano

Aventura?

Era para ser só diversão.

Na sorte daquela quinta-feira, tudo deveria ser algo passageiro, sem carregar a menor importância, onde apenas curtiríamos lapsos de uma sacanagem de minutos durante o breve trajeto a separar nossas rotinas. Porém, Dona Verdade mostrou suas garras durante um segundo apressado.

Eu perdi a hora, justo naquele dia. Entrei aos solavancos no ônibus das três. Lotação insuportável, esbarrões, caras feias. Parece que todo mundo resolvera abandonar Indaiatuba no mesmo instante. Eu ali, puto, caçando um espaço para abrigar meu corpanzil arfante.

Dona Verdade promoveu um milagre! Encontrei um lugar abençoado. Dei uma breve olhadela ao redor para confirmar se não havia velhotas caquéticas ou moçoilas barrigudas necessitando do sagrado assento.

Nada. Livre. Obrigado, meu deus!

Um plástico trono reluzente presenteado pelo sacana do Destino.

Não pedi licença, nem olhei dos lados. Apenas aconcheguei minha montanha de pelos retorcidos no espaço que agora era só meu por tortuoso direito.

Era impossível não roçar na perna alheia.

E esse foi o primeiro sinal da minha... perdição?

Ele era um moreno de provocante estatura. Fuça nobre, estilo militar: cabelo rente, muito bem aparado; rosto ossudo, quadrado, sério, travado, pra lá de compenetrado; olhar-falcão fixo, em posição de sentidos ariscos.

Alerta. Sempre alerta!

Magro, porém farto de boa e tenra carne nas curvas tonteantes, Sr. Sério era dono de um belo traseiro, coxas tentadoras e aquela mala discreta que certamente escondia enormes segredos.

Adoro desvendar “o segredo” dum cafuçu.

Suas mãos se destacavam do resto do corpo. Cinco ativos bem torneados, veias que saltavam dos dedos na direção dos braços rijos, isentos de pelos. Garras que prometiam uma pegada daquelas de deixar saudades após um apetitoso momento de irresponsável fodaria.

Hum... nada de aliança. Mesmo assim, fiquei imaginando a boa sorte da fêmea que caísse no vácuo daqueles braços forjados na roça e sentisse o entusiasmo daquelas mãos másculas, rústicas e estupendas a apalpar-lhe as farturas. Uma ponta de pura inveja perpassou meu corpo teso.

Muito calor vindo de fora, de dentro de mim-eu-mesmo, do meio dos nativos ensardinados.

Nas curvas acentuadas rolavam espasmos de ousadia. Essa era a tática universal da caçada dentro de um coletivo: uma curva traiçoeira, uma leve roçada, uma enorme expectativa.

Militar não esboçou reação negativa diante das minhas pinceladas de atrevimento. Aproveitando a primeira reta sem fim, ousei esfregar com mais afinco as pontas dos meus dedos robustos naquela coxa granito.

Nada. Sem recuos. Sem ataque histérico. Tudo morto. Distante. Frustrante.

O desafio elevou minha libido à oitava potência. Descarado, joguei minha mochila sobre nossas coxas, e minha mão – agora disfarçada – se fartava no toque e nos amassos sobre aquele pedaço de tentadora carne de primeira necessidade.

Finalmente, uma reação.

Ufa. Meu guerreiro estava vivo!

Levemente incomodado, não com meus toques, mas sim com a posição amassada a sufocar seu pau desperto, em aguçada guarda, o moreno tratou de apumar o meliante e deixou o resto do serviço aos meus cuidados safados.

E eu? Nem aí para o povo sacolejante.

Mais uma curva, mais um aperto. Mais uma reta, mais uma dúzia de carícias.

Assim que as pessoas ao nosso redor começaram a descer em seus respectivos pontos medianos, sem avaliar os riscos investi de vez na deliciosa sacanagem intermunicipal.

Que maravilha enfiar a mão nas múltiplas texturas daquele cacete feliz, pulsante, babante que se encaixava com perfeição entre meus dedos tensos, experientes, carinhosos.

Que delícia ousar abrir o zíper, tocar na trama da cueca barata, sentir o melado de uma porra afobada, tensa em vontades de forrar meus ideais, gotejando nas minhas digitais afoitas.

Ponto final. Tínhamos que abandonar o navio.

Tudo parecia ter chegado ao fim.

Eu recolho a mão. Você fecha o zíper.

Valeu a brincadeira. A gente se vê!

Militar não articulou palavra alguma.

Assim que nos afastamos da lataria, ele partiu para o ato premeditado.

Ele besuntou algo afiado, luminoso e ártico na altura da minha convidativa cintura.

Seu olhar passou a indicar os caminhos. Palavras de socorro que deveriam voar da minha boca trêmula simplesmente se esconderam no vazio do meu interior glacial.

Eu e elas... desesperadas!

Na rua central de uma Campinas abarrotada de almas egoístas, nos misturávamos entre a multidão que torrava restos de salários no findar das derradeiras liquidações.

Em meus delírios, a discreta lâmina de luz estroboscópica rasgava minha camiseta e uma ponta imaginária brindava furos concretos na minha pele carcomida em calafrios.

Militar queria me matar? Seria ele um homofóbico?

Meu momento-pegação se transformaria numa patética tragédia pessoal?

M., o ursegurança, engrossaria as estatísticas das minorias liquidadas no país?

É a velha merda de sempre: não resistimos a um caralho disponível, insinuante, de vida fácil e nos entregamos a qualquer um disposto a nos dar um segundo de atenção, um minuto de prazer, meia hora de ilusão.

“Dinheiro”, ele pigarreou.

Que timbre celestial era aquele?

“Eu preciso de vinte!”, ele exigiu.

Vinte. A porra da minha existência valia vinte filhos da puta dinheiros?

“Suba, pague, sorria e fique quieto!”, esbravejou Dominador.

Só aí me dei conta que galopávamos por uma escada nojenta no interior de um prédio descascado, mofado, expelindo um sufocante bálsamo de sexos vencidos.

Mais vomitante? Impossível!

No final do martírio, demos de cara com a recepção do Purgatório.

Uma velha espectral, empacotada num vestido mínimo, apontou seu dedo imundo, nicotinado, unhas cobertas por um esmalte rosancestral, para um cartaz onde se podia ler algo como: “Vinte... a hora”. Foi tudo o que meus olhos embaçados conseguiram traduzir.

Então era isso. O cretino queria apenas meter susto e vara em mim!

Envolto em tremedeiras que beiravam o absurdo, eu paguei, sorri, fiquei quieto, respirei fundo, entrei no jogo.

Vamos ser “putinha”!

Avançamos o próximo nível.

Retorcemos nossos ossos trepidantes no terceiro corredor.

Consultei o número na plaquinha de plástico que balançava aos pés da chave verdete. Apartamento 41.

Tudo escuro, fétido, excitante.

O jogo confirmou sua seriedade.

Era uma faca de verdade a dançar o zigue-zague no ar, apontando para o meu rosto incrédulo, isento de cor, modorrento em texturas fúnebres. Uma diamantada ponta mais do que afiada partiu da minha fronte ao meu queixo na eternidade de dois segundos.

Segurando meus cabelos como um macho das cavernas, e com a outra mão deslizando o objeto faiscante, fatal e amedrontador entre minhas orelhas, nuca e pescoço, fui obrigado a dar início ao serviço, abrindo e baixando uma parte daquele *jeans* arraigado, abocanhando em seguida uma haste-cogumelo gosmenta e suada.

Chuí sem vontade. Mas, aos poucos, encontrei o personagem e entrei no esquema, chorando e gemendo e me fazendo de “o” vítima.

Eu implorava perdão com meu mareado olhar fingido; realizava falsos contorcionismos do tipo “não quero te chupar, eu não gosto disso” para deleite do meu agressor, que encaixava sua ordem no centro da minha terra, onde pica e ponta de faca e ansiedades e domínios golpeavam minha garganta submissa e riscavam meu pescoço arisco, chegando a perfurar os bicos dos meus mamilos retesados.

Sangue.

Três golpes. Dois socos. Um empurrão.

Sangue e espantos mesclados sobre a cama puída. Assim permaneci sei lá eu por quanto tempo. Impassível. Impossível!

Militar iniciou uma dança metódica, hipnotizante, lenta, patética, inexplicável. Ao chão pendiam na ordem exata: camiseta, cinto, relógio, calça, cueca e... a faca!

Minhas pernas pelúnicas foram puxadas pelas tão desejadas mãos viris daquele homem-HOMEM. Eu era a profana vaca premiada numa quinta-feira das Paixões.

Meu celular tocou em algum lugar do passado. Só notei o coitado retirado do bolso do meu agasalho e estraçalhado pelo atirador de elite, onde meu adorado LG riscara a parede oposta, aquela sem janelas, coberta por alienígenas esverdeados, fedidos, opacos.

Com muita raiva e destrambelhado tesão, ousei desferir um sopapo certo naquele rosto quadrado, *Terminator*.

Um par de olhos vítreos, acastanhados, vertendo sangue e ódio refreou minhas futuras intenções.

Splaft!

Depois do meu *Cookie* virar cacos, foi a vez do meu rosto queimar ao sabor de uma palma quente, escorregadia, ensandecida.

Sangue a espargir de muitos orifícios. O buraco era mais ao Sul. Não havia brincadeiras na aventura que deveria ter sido finalizada ainda no interior daquele maldito coletivo.

Suor.

Mais tapas, agora riscando meu peito. Alguns socos e agarrões vieram como bônus.

Depois de muito apanhar e sofrer e ser submisso, finalmente caiu a porra da minha ficha: Militar queria uma reação de Macho e não que eu permanecesse Frutinha diante dos seus tratos amaldiçoados.

Plim!

Acendeu-se a luz.

Oh, M. Como você é uma Ameba cabeçuda. Ao ataque. Vamos lá!

Fechei os olhos, cerrei os punhos, invoquei São Ridley Scott e deixei entrar em mim-eu-mesmo o Russell Crowe que rondava meu corpo quase abatido.

Tapas, socos, pontapés, mordidas, empurrões, agarrões, chupões. Tudo exatamente numa ordem fora de qualquer participação da Ordem.

Socos, mordidas e beijos.

Beijos destampa-bueiros. Beijos vulgares, se é que um beijo consegue ser vulgar.

Beijos de sucumbir o fôlego, desnorteando o Ser e a Razão; travando corpos bêbados no suor trocado, sangue misturado, impactados em repugnantes minutos de fusão e fodeção.

Machos gostam de Sexo mancomunado com a Atenção!

Meus cabelos foram novamente agarrados, meu corpo revirado, o vão da minha bunda cabeluda foi expandido e uma troglodita tora cabeça-de-cogumelo arregaçou meu íntimo, sem dó, nem piedade. Areia e ácido!

Militar galopava e me furava e me arrancava tufo de pelos castanhos. Tudo muito rápido, tudo muito louco, tudo muito intenso, tudo muito insano, tudo muito... necessário!

Suor a besuntar e abençoar nossa indecência.

Tudo doeu pra cacete. Nós sentíamos tesão pra caralhos!

Sexo.

O leite de magnésia escorreu nas linhas curvas do meu vale da sombra da morte. Leite roceiro unindo-se em matrimônio com meu suor almiscarado.

Sploft!

O cogumelo espocado, agora desfalecido, jazia no meio das coxas amanteigadas de um militar derrotado, exausto, confuso, ainda fora de si.

Uma daquelas mãos que eu tanto idolatrava, permanecia emaranhada no centro da mata fechada que cobria meu peito diamantado.

As dores que dominavam meu corpo mantiveram meu espírito num estranho torpor.

Quando tentei vislumbrar e compreender a nova realidade, Militar gritou, pediu, murmurou:

“A faca... a faca... pegue... a morfética da faca!”

Sem raciocinar, segui a ordem alterada. Catei o sabre de luz e quase me senti um perfeito, tosco e sábio Yoda.

Poderoso e ao mesmo tempo um impressionante idiota, eu não sabia o que fazer com o aço pontiagudo. Meus músculos descoordenados eram incapazes de manter aquele objeto mortífero bem firme sobre minhas mãos gelatinosas.

Minha inexperiência pareceu excitar o Superior metamorfoseado em Moribundo. Segurando minha mão com uma virilidade que não era desse plano, Militar regia a Sinfonia da Morte diante do seu prazer.

Uma de suas mãos domesticava minha tremedeira, conduzindo a lâmina para acarinhar todos os orifícios das suas faces diabólicas, onde pontadas involuntárias resolveram abrir microfendas na pele outrora impecável, e gotas de um sangue caricato tingiram a máscara da Luxúria.

A outra mão, ainda mais experiente, punhetava meu caralho assustado, tentando incentivá-lo a ascender acima dos fatos e assim provar o seu devido valor.

Pica posta, Militar pagou o melhor boquete do século. E bocas e facas e bengas e lábios... e sangue e suor e medos e prazeres se fundiam na alquimia de uma fodaria inesquecível.

Em nova rodada de estúpidas carícias e pegadas, passei a lambar aquelas faces ensanguentadas. Sentindo-me seguro e semideus, louco em desejo de dominar a nova situação, libertei de vez meus medos das garras do Militar.

Enfiando minha viga com destreza na quinta dimensão daquela goela, ao mesmo tempo em que eu penetrava em confiante selvageria a adaga da morte nos poros do homem que uivava de tesão e satisfação garantidos, urrei improperios e um:

“Sente o gosto da minha porra e do meu sangue, seu filho do demo!”, enquanto eu talhava aqueles lábios com minhas duas lâminas de impuro inox.

Chupa, enfia, fura, penetra.

Seguimos adiante.

Gozei vinte e dois litros dentro daquela bocarra dezoito mastigantes. Criei um belo talho naquele peito arfante. Copiei o mesmo rasgo no meu peito errante.

Misturamos nossos fluidos. Descobrimos qual era o verdadeiro elixir da vida eterna: a união perfeita entre sangue, suor e porra.

Inconscientes e exaustos, enfim selamos o Grande Pacto.

* * *

Deixamos aquela espelunca feitos zumbis enamorados.

Sorrindo para o vazio, Dona Adams ignorou a passagem de dois báculos vampirescos, maltrapilhos, desvairados.

Com muita dificuldade, enfrentamos a noite caótica e um banho de luzes amarelas, frias, tristes e difusas escureceu a nossa insanidade.

Era chegada a hora do adeus, ou de um “vamos tomar uma cerveja?”, como se nada tivesse acontecido.

Foda-se o mundo. Estávamos perdidos mesmo. Que o espetáculo continue!

Militar estancou no meio da sexta calçada. Ele estrangulava um choro períneo. Fiquei em choque diante daquela cena fora do mais criativo roteiro.

Vi um menino frágil, assustado, implorando asilo. Nada a ver com o matador que eu conhecera bem ali atrás daquela porta sem travas do quatro-andares-purgatório.

Por puro instinto, compreendi que era chegada a hora das revelações. Máscaras seriam quebradas na sarjeta, domínio da Ignorância.

“Você não tem ideia do bem que me fez hoje, *mermão*”, ele ronronou, proferindo um trinado distante, quase inaudível.

“Eu apenas segui meus instintos. Eu queria sexo, prazer, fugir da rotina. Consegui tudo isso com você. E... confesso... foi bom... foi muito bom!”, respondi, com meia sinceridade.

Durante nossas eternas caçadas, almejamos o sonho de encontrar nosso utópico príncipe encantado.

“Mas, pelo visto, nada de nomes reais e troca de números de telefone, não é mesmo?”, continuei, enterrando de vez a esperança de qualquer vislumbre de um magnífico segundo encontro.

Houve um silêncio desconfortável. Eu tentava desviar o olhar, mas era impossível ignorar as marcas profundas que eu havia deixado naquele espírito combalido.

Meu moreno captava as mesmas certezas.

Sangue. Suor. Sexo.

“Se você for um cara paciente...”, ele se abriu, enquanto enxugava com dificuldade o sal abundante do rosto abatido, tentando expurgar algumas lágrimas ácidas, sobrecarregadas, necessárias.

Incomodado com a aspereza do banco detonado que eu havia escolhido para sustentar nossa confusão, encarávamos alguns pirralhos rodopiando seus skates numa pracinha esquecida pelo tempo, lembrada pelo espaço.

Não tive tempo de responder um reconfortante “sim, eu sou um cara paciente”.

Militar encostou sua magnífica morenice num poste de ferro. A claridade âmbar proveniente do alto lhe contornava os músculos com uma aura fantasmagórica.

“Eu matei um homem. Faz muito tempo. Ganhei alguns dias de liberdade. Você deve saber como as coisas funcionam. Volto amanhã para a prisão”, explicou o moreno, assim, pá-pum-bola.

O retesar involuntário das minhas faces denunciou minha frustração e espanto diante do Militar que não tinha mais nada de guerreiro medieval.

“Quanto tempo?”, era uma pergunta de duplo sentido, embora eu já soubesse de todas as respostas.

“Muito tempo. Se você me quiser, terá que se submeter a uma rotina meio... me esperar por...”, confuso, ele não conseguiu finalizar seu carma.

Por pura bobagem, olhei ao redor, procurando rostos curiosos e preconceituosos. O universo não estava nem aí para os meus problemas recém-assumidos.

Eu daria aquele beijo entre línguas flamejantes, de qualquer maneira.

O homem que havia me coberto de porrada e prazer acabara de se transformar no meu sapo mais querido.

Observando o relógio da catedral, me dei conta que estava quase três horas atrasado para comparecer ao trabalho. Soltei uma linda gargalhada ao imaginar meu patrão todo “maluca”, babando à minha procura.

Joguei a rotina no rabo do inferno. Eu tinha algo muito mais “glorioso” a fazer.

Rabisquei meu endereço num pedaço de papel que encontrei na calçada. Cartas seria o melhor meio de comunicação entre nossos universos paralelos.

“Quando você me escrever... será o sinal para que eu abra a porta e faça morada no seu coração. A decisão do nosso futuro está com você!”, eu ruminei, empapado em sinceridade e emoção, tentando demonstrar segurança na minha atitude sabrínica.

Meu moreno leu, dobrou e guardou com cuidado o alicerce de um saco de pão.

Um abraço dolorido selou nosso primeiro adeus. O último beijo com gosto de sangue e sêmen comprovou que tudo o que curtimos valeu – e muito! – a pena.

* * *

Oficialmente, faltam nove anos para que J. P. deixe a cadeia em definitivo.

Hoje é dia de visitas. A gente se vê cada quinze dias.

Em nossa alma e com a testemunha de dois presos e um solto, assumimos o nosso noivado. Cada encontro consumado serve para planejarmos, ansiosos, todos os detalhes do nosso futuro, o testamento da nossa felicidade, as diretrizes para a realização dos nossos sonhos fora daquela masmorra fétida, antessala de Dante.

Ah, sim, quase me esqueço: minhas cicatrizes provam que hoje sou mestre na arte de consumir um corpo no prazer do corte perfeito, da fenda mais discreta, do furo exato que faz brotar a gota vinho que se funde na transparência do suor, junto da misericordiosa porra perolada, onde tudo é transmutado no seio do licor capaz de nos proporcionar as delícias de uma existência visceral!

* * *

Era para ser só diversão.

Descobrimos o Amor na imundície da Violência.

Sangue. Suor. Sexo.

Jamais haverá felicidade sem a autorização explícita da Dor.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**